

Critérios de noticiabilidade e a produção de reportagens investigativas nos jornais *O Globo* e *O Dia*

Aluno: Marcelo Alves
Orientador: Leonel Aguiar

Descrição da pesquisa realizada

O modelo escolhido para justificarmos a presença do pesquisador nas redações está baseado na prática de análise etnográfica estabelecida por Clifford Geertz. A partir dos pressupostos contidos na chamada *descrição densa*, o pesquisador faz uma imersão no ambiente com o qual deseja estabelecer algum tipo de estudo. No caso da presente pesquisa, junto às redações dos jornais *O Globo* e *O Dia*.

Pode-se dizer que nessa fase da pesquisa a inserção do pesquisador junto ao jornal foi realizada de forma mais fácil do que no ano anterior. Em parte porque os jornalistas já haviam se acostumado com a idéia de ter o seu trabalho, quanto o resultado deste, acompanhados de perto por um pesquisador. Tanto no jornal *O Globo* onde o pesquisador está presente desde 2007, quanto no *O Dia*, que somente tivemos mais contato no final de 2008, a forma de contato com os jornalistas se deu através de e-mail ou telefone. Em ambas as editorias são razoavelmente fáceis entrar em contato com os jornalistas. A grande dificuldade fica por conta de estes poderem atender ao pesquisador, tamanho o número de trabalho e reuniões.

Após esse primeiro momento, a presença do pesquisador estava condicionada ao desenvolvimento do trabalho dos jornalistas inseridos na pesquisa. Caso os mesmos estivessem participando da construção de uma matéria de cunho investigativo em que o pesquisador pudesse acompanhar, os jornalistas entrariam em contato com seus superiores para pedir autorização.

Pesquisar como se constrói uma matéria investigativa não é fácil, pois dentro do próprio jornal, a elaboração deste tipo de matéria é um sigilo. O pesquisador tem que demonstrar muita seriedade para conseguir tal intento. Relatar como é a pesquisa, seus objetivos e como será desenvolvida utilizando-se os jornais como fonte, foi a saída encontrada para que a pesquisa *Critérios de Noticiabilidade no Jornalismo Investigativo* pudesse ser realizada com êxito.

Não havia hora nem data certa para que o pesquisador estivesse presente no jornal. Tudo dependia dos acontecimentos do dia. Se ocorresse um fato importante que envolvesse toda a redação a presença do pesquisador ficava em segundo plano, já que metodologicamente estamos trabalhando com o Jornalismo Investigativo. Na construção de notícias do tipo *hard news*, os critérios utilizados para compor uma matéria de grande investigação tende a desaparecer, tamanha é a rapidez com que a pauta tem que se transformar em narrativa.

Assim ocorria tanto no *O Dia* quanto no *O Globo*. Como exemplo do que fora exposto acima, temos as diversas presenças do presidente da República Luiz Inácio no Rio de Janeiro, desdobramento da crise do Senado em nível local, acidentes de grandes proporções como o ocorrido com o vôo 447, em que boa parte da equipe é deslocada para cobrir estes eventos ou similares.

As formas pelas quais tivemos acesso aos textos publicados pelos jornais *O Globo* e *O Dia* foram feitas a partir de dois movimentos. O primeiro deu-se contactando os jornalistas que seriam entrevistados e com os quais trabalharíamos a construção e reconstrução das reportagens investigativas contempladas com o *Esso* ou as que estariam sendo realizadas

durante a presença do pesquisador na redação. Em segundo, através da busca na Biblioteca Nacional.

Muitos textos analisados para o desenvolvimento da pesquisa não estavam disponíveis para a consulta nos setores de pesquisa dos jornais supracitados. A maneira escolhida para se ter contato com os mesmos foi procurar no setor de periódicos da citada instituição. Com o título da matéria, o autor e o nome do jornal onde ela fora publicada, e principalmente a data de publicação em mãos pesquisamos diversos periódicos até encontrarmos o que desejávamos.

As reportagens do jornal *O Dia*, realizadas pelos jornalistas Pedro Landim e João Antonio Barros, foram conseguidas junto ao próprio jornal. O primeiro com arquivo PDF da página, o que garantiu boa qualidade ao material. E do segundo fotocópias de algumas matérias e páginas originais que havia sobrado junto ao setor de pesquisa. No caso do *O Globo*, as matérias assinadas pelo jornalista Chico Otávio foram igualmente fotocopiadas. Porém as relacionadas aos Royalties foram estudadas lendo-se os originais, já que o pesquisador participou do seu processo de construção. Atuando em campo juntamente com o jornalista em questão.

Na atual fase da pesquisa o diálogo entre prática e teoria foi feito ao mesmo tempo em que a pesquisa se desenvolvia. Se anteriormente foi necessário um estudo mais intenso sobre a literatura acerca da Teoria do Jornalismo, de forma prévia, antes de partirmos para a prática, ou seja, para as entrevistas com os vencedores do Prêmio Esso que tiveram textos investigativos publicados no *O Globo*, desta vez, a construção da pesquisa trabalhou os dois a partir do desenvolvimento da mesma.

A base textual, que serviram de instrumento teórico para a discussão na pesquisa em questão pouco se alterou. Dessa forma, a mesma foi revisitada e rediscutida a fim de poder ser mais bem aproveitada pelo pesquisador durante a elaboração textual da pesquisa. Sendo assim, os principais tópicos propostos pelos autores foram revisitados. Foram acrescentados novos textos, muitos deles produzidos em encontros ou congressos de pesquisadores da Comunicação como os da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom, VII História da mídia, Meio a Meios, realizado em novembro de 2008 e Seminário Internacional sobre Mídia e Violência, realizado na UFRJ, entre os dias 26 e 27 de Março de 2009. Nos dois primeiros o pesquisador participou com a apresentação de textos e os dois últimos como ouvinte.

Para completar o aprendizado acerca da teoria do jornalismo, fez-se necessário delimitar ainda mais os propósitos pretendidos pelo Jornalismo Investigativo. Esse intento foi conseguido ao participarmos do Meio a Meios, durante a II Semana de Comunicação da UFRJ, em novembro de 2008. Nesse encontro foram apresentados quatro jornalistas que dialogaram sobre jornalismo investigativo e aqui descreveremos brevemente o que dois eles propuseram.

Marcelo Beraba. Diretor da Sucursal Rio do Estádio: A criação da Abraj.

A criação da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraj) foi acelerada pela morte do jornalista da Rede Globo de Televisão Tim Lopes. Porém já havia uma discussão no meio jornalístico anterior a respeito da qualidade do jornalismo editado pela grande imprensa. A entidade surgiu com o objetivo de melhorar a qualidade do jornalismo junto às escolas e redações, e por fim, trabalhar pela lei de direito ao acesso a informação pública e também liberdade de expressão.

Quando se fala em jornalismo investigativo, o primeiro ponto que aparece é a questão porque separar este modelo enquanto categoria em separado, já que em certa maneira o fazer jornalístico é investigativo, no sentido da apuração. Mas que sabemos existir diferenças. No

jornalismo investigativo a apuração chega ao extremo, devido o impacto que a denúncia possa vir a fazer. Independente do conceito que tenha o jornalismo, este deve, antes de tudo, ser bem feito, ser bem apurado.

Diversos jornalistas, de diferentes editorias, perceberam a importância de se ter no país um jornalismo de fiscalização, que faz levantamento de informações públicas, guardadas indevidamente como segredo de Estado, de informação sobre corrupção e desvio de verbas, de acompanhamento de orçamento e distribuição de recursos. Para a Abraj, o jornalismo investigativo no Brasil tem que ter um olhar investigador e de vigilância. Não somente ligado a prática de corrupção ou polícia.

Caso queira o jornalista que se dispõe a criar notícias baseadas em profundas investigações, assim pode fazer olhando-se para os acontecimentos do dia-a-dia. O campo de trabalho é imenso quando olhamos a interferência do Estado e das empresas privadas na economia, no esporte ou na cultura., na área de crime, no urbanismo ou na complexidade da formação da cidade etc. O jornalismo Investigativo pode ser realizado em qualquer ambiente social. O importante é fiscalizar profundamente todas essas áreas.

Para conscientizar, aperfeiçoar e qualificar os profissionais de comunicação a Abraj realizou encontros e congressos. Não somente para os jovens que estão chegando aas redações. Embora se saiba que cada editoria tem seus próprios programas de treinamento dos novos profissionais. Porém é sabido que as deficiências maiores estão presentes entre os profissionais que estão entre os mais experientes e os novatos. São os que se acomodaram ou se alinharam junto às hierarquias, não indo mais para as ruas e perdendo suas qualidades iniciais.

Angelina Nunes. Editora da Editoria Rio: As dez mil obras do governo Rosinha Garotinho.

Esta matéria destacou a idéia de transparência no setor público, participação efetiva da alta hierarquia do jornal, Reportagem Assistida por Computador (RAC), a rapidez da switche e jornalismo de precisão. A pauta surgiu por acaso, mas foi bem explorada e aproveitada pelos jornalistas, transformando-se em uma série especial. O jornalista investigativo deve ser desconfiado, principalmente quando se tem excesso de informação. A referida governadora lançou a idéia de que em seu governo foram feitas dez mil obras. Foi uma campanha milionária.

Para averiguar as obras realizadas, foram utilizadas as planilhas de transparências das obras nos sitio do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Porém o acesso de cópia não era autorizado. O jornal O Globo utilizou a tecnologia do jornal para copiar o arquivo. Dois repórteres foram deslocados para a realização da matéria, porque não se tinha a idéia do que ela representaria. Eles separaram obra por obra em uma nova planilha, destacando a obra, o valor, e o local de realização da mesma.

Através de investigação, era preciso confrontar cada obra realizada para saber se a mesma existia de fato e se estava de acordo com o sitio do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Dessa forma descobriu-se um jogo de números, que uma mesma obra aparecia diversas vezes. Um dos exemplos exposto na apresentação da jornalista, as obras do Rio Sarapuú que passava por vários municípios, tinha suam obra contabilizada em cada região em que ele passava, em vez de contar como uma única obra. Além de obras que não foram feitas, ruas que diziam terem sido pavimentadas, ainda contavam com esgoto a céu aberto.

Uma nova equipe foi formada. Esta é uma realidade em 90 por cento dos casos de reportagem investigativa. Os jornalistas foram aos locais, checaram junto a população se a obra havia sido realizada, o que constava no IPTU e tiraram fotos. Era preciso provar que a campanha estava errada. As obras de fachada, em sua maioria, ficavam no interior ou na

Baixada Fluminense, áreas mais afastadas da capital. Através de muita apuração descobriu-se que até mesmo consulta ao dentista constava como obra.

Após a publicação da matéria, o Governo do Estado do Rio de Janeiro retirou a campanha de circulação bem como os dados que constavam no sitio. Após Rosinha Garotinho publicar uma nova tabela, os jornalistas confrontaram a antiga lista com a atual. Novos erros foram detectados. Como reação o governo pagou meia página do próprio *O Globo* para desmentir as matérias que criaram um agendamento na sociedade e outros meios de comunicação. Mas a direção do jornal resolveu não cobrar pelo anuncio acreditando que o mesmo seria facilmente desmentido pelas matérias que eram publicadas diariamente.

O Intercom Sudeste

No XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, o Intercom Sudeste foi apresentado parte do que vínhamos realizando até então. Neste encontro de pesquisadores da comunicação vimos a oportunidade de dialogarmos com a comunidade acadêmica os resultados dos levantamentos apreendidos no decorrer do processo de pesquisa, ou seja, até aquele momento tínhamos organizados o modelo de construção de matérias investigativas realizadas pelo jornal *O globo*.

Resumidamente chegamos a conclusão que nesta editoria a construção de reportagens investigativas tornou-se um modo sólido de jornal se colocar no mercado. Pois percebe-se que é no “Jornalismo Investigativo” que o jornal consegue atingir seu objetivo máximo, que é ser porta voz da população brasileira, agendar as rotinas da população e retirar desse modelo vultuoso número de exemplares vendidos.

Muitos textos investigativos são realizados levando-se em conta uma dinâmica que varia conforme a política editorial do jornal. Para melhor informar aos leitores, diversas editorias como a do jornal *O Globo*, contam com a construção de infografias, gráficos, tabelas, fotografias para comprovação do que se fala. Utilizam-se imagens para que o leitor possa, por ele mesmo, comparar as situações denunciadas. Esse mecanismo torna o assunto em questão muito mais tático.

Na construção de reportagem investigativa no *O Globo* há muito tempo tem como base fundamental o sigilo. Mas, outro fator nos chamou bastante atenção na fala de muitos jornalistas entrevistados, foi a relação com as mais diversas fontes. Depreende-se que no modelo investigativo de reportagem é imprescindível, para se testar e verificar a denúncia, o contato do profissional com suas fontes. Através destas pode-se criar todo um artifício para se comprovar ou não uma especulação.

Desde a pauta até a publicação os jornalistas do *O Globo* têm o apoio incondicional de seus superiores. Lidar com as chefias é muito importante para se concretizar a matéria. Pois como é sabido um mesmo jornalista realiza diversas pautas ao mesmo tempo. Para se dedicar a uma exclusiva é necessário o aval e a credibilidade dos superiores.

Por fim revelamos que no jornal *O Globo* a construção e publicação de matérias investigativas são feitas somente após muita negociação com a alta hierarquia. Um jornalista não sai a campos para realizar esse tipo de matéria sem que seus chefes imediatos saibam qual a abordagem pretendida, o local de atuação e custos com a produção.

VII Encontro de História da Mídia

Pesquisar o Jornalismo Investigativo praticado nos jornais do Rio de Janeiro sem que a houvesse um corte método lógico seria inviável enquanto pesquisa. Para tanto no projeto de pesquisa o Professor responsável Leonel Aguiar delimitou o estudos dos principais jornais do

referido Estado, O Globo, O Dia, Jornal do Brasil e Extra, a partir dos textos premiados com o mais importante prêmio do jornalismo Brasileiro, o Prêmio Esso. Desta forma vimos desenvolvendo, para melhor apreensão da pesquisa, uma análise mais profunda junto a citada premiação. Uma dessas análises está contida no texto *O desenvolvimento histórico do Prêmio Esso: apontamentos introdutórios*.

O Esso em todos os anos de sua trajetória premiou os principais textos publicados nos mais diversos periódicos brasileiros. As matérias em sua maioria possuem alto valor-notícia. Na seleção dos dados apurados em campo os jornalistas já separam os mesmos levando-se em conta esses valores. Os textos são produzidos levando-se em conta a importância que seu conteúdo possui para a população em geral. Quando os jornalistas inscrevem as reportagens para participarem da premiação eles já sabem qual foi o impacto que as mesmas tiveram junto aos leitores e já imaginam poder vir a ser um ganhador.

Esse fato deve-se ao agendamento produzido pelas matérias após serem publicadas. Um texto que concorre ao Esso tem como característica o agendamento das ideologias e conversas na sociedade. Além de serem construídos levando-se em conta os critérios de noticiabilidade específicos como a presença de uma boa redação, capacidade de se realizar a pauta.

Ao analisarmos as matérias premiadas com o Esso percebe-se que diversas se enquadravam no modelo investigativo de reportagem. Este é um dos pilares dos textos que mais ganharam o Esso. Tendo como desdobramento o maior interesse público possível. Para alguns jornalistas, como os premiados do Jornal do Brasil, esse é o ponto chave para o sucesso das reportagens e do próprio jornal.

A maioria dos textos teve chamada nas capas dos veículos em que foram publicados, bem como as matérias produzidas nos dias seguintes. Sendo assim, as matérias vinham sempre que possível adicionadas a fotografias. No Esso diversas duplas jornalistas e fotógrafos foram premiadas. Aliás, o primeiro prêmio já foi assim.

O Prêmio Esso tem sido desde seu início respeitado pelo fato de ter entre os jornalistas que disputam o prêmio e seu quadro de jurados, pessoas cujo profissionalismo se colocam em posição proeminente em relação a sua capacidade de votar. E de fato a união corpo de jurado, textos participantes e o prestígio adquirido com o passar dos anos pela premiação colocaram o Esso junto aos principais prêmios do jornalismo brasileiro.

Reportagens investigativas e os critérios de noticiabilidade nos jornais *O Globo e O Dia*

Introdução

Diversos foram os textos analisados que tiveram suas construções ou reconstruções feitas a partir do acompanhamento, nas redações, pelo pesquisador. Para dar conta do maior número possível de análises, publicadas para que a comunidade pudesse ter contato com tal estudo, diversos textos relatando esta experiência foram escritos ao longo dos últimos meses. Em cada um, os principais elementos constitutivos do Jornalismo Investigativo foram explorados levando-se em conta a realidade da editoria em que foram publicados. Para este relatório foram escolhidos os que seguem no texto final.

Sendo assim, a pesquisa que vimos apresentar está sendo realizada com a presença do pesquisador junto as redações dos jornais *O Dia e O Globo*. A idéia principal deste trabalho

tem como base identificar como se processa a construção das reportagens investigativas nesses periódicos. Para tanto, escolhemos trabalhar, principalmente, com as reportagens realizadas pelo jornalista João Antônio Barros e Pedro Landim, ganhadores de diversos Prêmios Esso, na categoria Regional Sudeste, representantes da redação do *O Dia* e Chico Otávio, vencedor de diversos Esso, tanto na categoria Principal, quanto na Regional Sudeste para o Jornal *O Globo*.

No desenvolvimento da pesquisa pôde-se perceber que o processo de construção de notícias nas principais editorias do Rio de Janeiro se faz de forma bastante peculiar. Nos jornais *O Dia* e *O Globo*, foi percebido que em cada redação, a partir de seu poder financeiro, de pessoal e posicionamento de mercado cria-se meios para tornar a produção de notícia em algo rentável e que ao mesmo tempo seja capaz de manter seus interlocutores, os leitores, informados sobre os principais acontecimentos, que os *staffers* julgam ser necessários a apreensão por parte dos leitores.

A escolha do que deve ou não ser lembrado nas páginas dos jornais diários, como afirma o jornalista Ricardo Noblat (2002) é uma arte. Para o autor, publicar diariamente assuntos diversos e inovadores pode parecer fácil, mas não é. Para muitos jornalistas entrevistados esse argumento é correto só existe porque o jornal possui uma linha editorial, determinada características. Dessa forma, muitos acontecimentos, nem chega a ser cogitado a publicação.

É sabido no meio jornalístico que as matérias publicadas nos jornais são construídas de acordo com a política editorial do periódico. Se uma dada informação vai de encontro com tal posicionamento, a editoria em questão simplesmente a ignora, tenta dar menos importância a mesma, demora a publicar o assunto e, no caso de se sentir pressionada pelos leitores, toma todo cuidado para não perder a credibilidade. . Trazer a tona questões que devem ser de domínio público é um dos principais desafios dos editores de qualquer jornal.

Estar ciente desse desafio torna os processos de construção de notícia mais fácil. Durante a realização desta pesquisa percebemos que muitos editores para escaparem desse dilema, o de ter o que contar na manhã seguinte, recorrem a prática do agendamento Wolf (2003). Para os editores, enquanto responsáveis pelo aspecto do jornal, as publicações de matérias que provocam certo tipo de comoção junto aos leitores, são muito mais rentáveis e obrigam, não somente ao próprio veículo que a publicou, mas também os demais meios, a seguirem a história. Quem gosta de ler jornal, também que saber o desfecho de uma dada história.

Baseado nesse contexto, os jornais *O Globo* quanto *O Dia* se utilizam de publicação em série. E são justamente essas que mais chamam a atenção dos leitores e posteriormente quando postas em concurso, dos julgadores. No Prêmio Esso, as matérias dos jornais em questão que recebem prêmios são aquelas cuja capacidade de agendamento ultrapassa o dia seguinte. Para chegarmos a essa conclusão levamos em conta os seguintes textos premiados.

No Jornal *O Globo*:

Ano	Título	Autores	Prêmio
1993	Corrupção na Polícia do Rio de Janeiro	Hilka Telles e Equipe	Prêmio Esso de Reportagem
1994	Nilo ajudou a receber doação de bicheiro.	Agostinho Vieira	Prêmio Esso Principal
1997	Prostituição Infantil	Amauri Ribeiro Jr.	Prêmio Esso de Reportagem
1998	Teste do Guaraná	Maria Elisa	Prêmio Esso

		Alves	Principal
1999	O Rio Centro	Chico Otávio, Ascânio Seleme e Amaury Ribeiro Júnior	Prêmio Esso de Reportagem
2000	As Quentinhas	Angelina Nunes e Equipe	Prêmio Esso Regional Sudeste
2001	LBV: O Império da Boa Vontade	Chico Otávio e Rubens Valente	Prêmio Esso de Reportagem
2001	Sinal Verde para o Contrabando	Chico Otávio, Bernardo de La Peña e Ricardo Boechat	Prêmio Esso de Informação Econômica
2001	Série de Reportagens “Retratos do Rio”	O Globo	Prêmio Esso de melhor Contribuição à Imprensa
2002	Sentenças Suspeitas	Chico Otávio	Prêmio Esso Principal
2003	Traficantes nos Quartéis	Antônio Werneck	Prêmio Esso Principal
2004	Bastidores do Poder	Angelina Nunes e Equipe	Prêmio Esso Principal
2007	Voto combinado na Corte Suprema	Roberto Stuckert Filho, Alan Gripp e Francisco Leali	Prêmio Esso de Jornalismo 2007.
2008	“Favela S/A”	Paulo Motta, Carla Rocha, Cristiane de Cássia, Dimmi Amora, Fernanda Pontes, Luiz Ernesto Magalhães, Selma Schmidt, Sérgio Ramalho e Angelina Nunes	Prêmio Esso de Reportagem

No Jornal *O Dia*:

Ano	Título	Autores	Prêmio
1991	Fome na Baixada (Série)	Alexandre Medeiros	Prêmio Esso Regional Sudeste
1996	Os 162 Carelis da Polícia	João Antônio Barros	Prêmio Esso Regional Sudeste
1997	Infância a Serviço do Crime	Albeniza Garcia e Equipe	Prêmio Esso Regional Sudeste
1999	O Preço da Liberdade	João Antônio Barros	Prêmio Esso Regional Sudeste
2002	Morto Sob Custódia	Sérgio Ramalho	Prêmio Esso de Reportagem
2003	Crime Sobre Rodas	João Antônio Barros, Bartolomeu Brito e Márcia Brasil tudo	Prêmio Esso Regional Sudeste
2005	Chacina	Pedro Landim, Fábio Varsano, Sérgio Ramalho, Aluizio Freire e Equipe	Prêmio Esso Regional Sudeste

No período compreendido na tabela, sobre o jornal *O Globo*, tem-se que de um total de 40 prêmios textuais, retirando-se fotografia e primeira página, pelo menos 15 foram publicados dentro da política do agendamento da notícia, vindo a ser publicados pelo menos por três dias consecutivos. Outros como os premiados com o Esso de 1993, 94, 98, 2002, 2004 e 2008 foram publicados em capítulos, durante uma semana inteira. Mais recentemente o jornalista Chico Otávio também publicou uma série de reportagens sobre os Royalties do petróleo do Rio de Janeiro. A publicação rendeu durante três dias.

Em relação ao jornal *O Dia*, é comum publicar reportagens especiais em cadernos ou capítulos. Assim foi feito como a maioria das reportagens premiadas com o Esso. O próprio editor escolhe esta forma de publicação. Quando o jornalista sabe que a matéria rende, ele mesmo indica começar sua publicação aos domingos, para que nos dias posteriores eles possam ainda desenvolver mais o assunto. Percebemos que este dia da semana é o preferido para se publicar matérias investigativas, seja qual for a redação.

Esse é um dos principais atributos das notícias publicadas diariamente nos jornais, elas não são produzidas sem levar em conta critérios relativos à própria prática jornalística, ou seja, os critérios de noticiabilidade os valores notícias e tudo mais que diz respeito a essa produção, como a distribuição e venda nas bancas e, mais modernamente, nos sinais de trânsito, farmácias, livrarias etc.

Desde o surgimento da pauta até a publicação da matéria, diversos fatores influenciam o texto final, influenciando a construção da narrativa e a realidade a que ela faz referência. Dentre os que mais aparecem nas entrevistas concedidas pelos jornalistas durante a pesquisa “Critérios de Noticiabilidade no Jornalismo Investigativo”, estão o diálogo com os cargos hierárquicos, os conhecimentos pessoais do jornalista, os recursos financeiros dos jornais, os materiais para se realizar uma investigação e a própria postura profissional. Estes fatores podem ser encontrados levando-se em conta as idéias desenvolvidas por Mauro Wolf no livro *Teorias da Comunicação*.

As exigências organizativas e estruturais e as características técnico-expressivas próprias de cada meio de comunicação de massa são elementos fundamentais para a determinação da reprodução da realidade social fornecida pelos *mass media* (WOLF, 2003:185)

O supracitado autor esclarece que é justamente nesse âmbito que a Teoria do Newsmaking desenvolve seu argumento. Nela a atenção recai, principalmente sobre os aspectos envolvidos na construção das narrativas que estampam as páginas dos jornais. Para Wolf dois elementos importantes na construção das matérias jornalísticas.

Na produção de informações de massa, temos, portanto, por um lado, a cultura profissional [...] por outro, há as restrições ligadas à organização do trabalho, sobre as quais se criam convenções profissionais que determinam a definição de notícia [...] Estabelece-se, assim, um conjunto de critérios, de relevância que definem a noticiabilidade (newsworthiness) de cada acontecimento, isto é, sua aptidão para ser transformado em notícia (WOLF, 2003:189).

A aplicação desses critérios está relacionada aos valores notícias, que são elementos constantes no processo de construção da notícia. São utilizados pelos jornalistas quando estes se colocam como gatekeeper, levando à narrativa os elementos mais significativos de um dado acontecimento.

Através dessas idéias, Mauro Wolf (2003) expõe que uma publicação está condicionada a uma série de acontecimentos. Para ele:

O produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve e de que modo ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção (WOLF; 2003:200).

Dessa forma, como afirma Tuchman (1977: 94), *a notícia constrói uma representação da realidade social*; ou seja, a notícia é uma narrativa que constrói uma dada realidade não simplesmente um “espelho” do real. Reforçando a idéia principal da teoria do newsmaking, Tuchman cria distinções entre este modelo e seu oposto, a teoria do espelho, onde a notícia é tida como reflexo do real. Ela escreve que:

O filão da investigação que concebe as notícias como construção da realidade rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem refletir essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta do significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível. Em terceiro lugar, é da opinião de que os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico, as limitações

orçamentais, a própria maneira como a rede noticiosa é colocada para responder à imprevisibilidade dos acontecimentos (,1978: 98)

Baseado neste argumento Leonel Aguiar revele que:

As notícias – e também as reportagens – não refletem os acontecimentos que se dão a ver, mas são antes de tudo construções narrativas que produzem condições de possibilidades através das quais a realidade se dá a conhecer. (AGUIAR 2007:81)

Todas as pesquisas de newsmaking têm, em comum, a técnica da observação participante, pois permite reunir e obter sistematicamente os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia. Esta é uma das principais teorias a que esta pesquisa faz referência. A escolha dessa teoria visa dar conta de como é realizado o processo de construção da representação da realidade social elaborada pela mídia jornalística.

A elaboração de uma edição de jornal fica a cargo dos editores decidirem o que deve ou não ser lembrado no dia seguinte David White (2000) os definem como gatekeepers. São capazes de selecionar e construir uma realidade social a partir de sua forma de percepção do mundo ao seu redor, subjetivo, portanto. Estes designam uma determinada realidade. Criam, de acordo com a política editorial, uma melhor forma de se divulgar aquilo que fora escolhido.

O jornalista deve buscar através de técnicas de apuração aprendidas no decorrer do curso superior ou no interior das redações, dados sobre os assuntos brevemente escolhidos. O resultado da apuração em vigor também dará ao profissional ao caráter de gatekeeper, já que ao apurar, o mesmo recorrerá a diversas escolhas, selecionando dentre diversos itens, aquele que julga ser o mais importante, o que possui maior valor notícia possível. Ou seja, a matéria até a sua publicação passa por vários filtros. O que a confirma enquanto elemento construído e não reflexo do real.

Partindo destas características, a notícia investigativa nos parece bastante representativa do jornalismo. Partindo da pauta ou denuncia, este tipo de matéria jornalística, mostra-se como uma notícia cujo modelo de construção mostra-se evidente. Quando o jornalista dá início a uma investigação, ele reúne os dados de forma lógica, e os testa insistentemente para diminuir as possibilidades de erros.

Lage (2004) revela que toda reportagem pressupõe apuração e investigação, mas esta última mostra-se como forma extremada de se criar uma notícia, pois exige longo tempo de trabalho. Sodré e Ferrari (1986), Kotscho (1996) e Lage (2004) defendem que a investigação pode até ser iniciada por uma denuncia, porém é no decorrer do processo que ela se consolida se coloca como uma matéria diferente das publicadas no dia a dia.

Segundo Waisbord (2000), o jornalismo investigativo possui características próprias, sendo caracterizado pela divulgação de informações de alto valor notícia que são de interesse público. As narrativas investigativas constam ações sobre instituições públicas, governamentais, pessoas ou de empresas que tenham valor na sociedade, por poder afetá-la.

As reportagens e as notícias investigativas são construídas levando-se em conta uma exaustiva apuração dos dados colhidos em campo. Este tipo de reportagem desempenha um papel singular junto à sociedade por, conforme foi exposto acima, ser capaz de vincular a imprensa aos ditames da democracia, a governabilidade e principalmente garantir o acesso de todos os cidadãos s informações que são publicas. Disso depreende-se a sua importância em países como o Brasil.

Os empresários da comunicação por têm o jornal como um produto industrial, que visa o acúmulo de capital. Para não caírem em um modelo idiossincrático quanto à elaboração de notícias, organizam as redações e otimizam o processo produtivo. Esse conjunto de normas e

regras é apreendido pela alta hierarquia de uma redação, passado para a estrutura editorial e apreendida pelo corpo de funcionários, entre eles os jornalistas.

Breed (2000) revela que:

Numa democracia plena os únicos controles seriam a natureza do acontecimento e a habilidade do repórter para o descrever. No entanto a aceitação não é automática por três razões: - a existência de normas de ética jornalística. - o fato de os subordinados tenderem a ter atitudes mais liberais do que o publisher e poderem invocar as normas para justificar escritos contra a política. - O tabu ético impedindo o publisher de obrigar os subordinados a seguirem a sua orientação.

Por isso, pode-se dizer que no jornalismo existem pelo menos dois aspectos que devem ser levados em consideração quando o assunto for notícia. O primeiro diz respeito aos critérios que são utilizados para se transformar um fato qualquer em um discurso jornalístico, intermediado pelo gatekeeper. Outro fator de importância, diz respeito ao setor financeiro. Um jornal quando vai para a rua, tem que ser vendido, gerar lucro para o dono do periódico. É isso que sustenta todo o esquema. A notícia publicada nasce preparada para ser consumida como outra mercadoria qualquer.

Marcondes Filho (1986) afirma que dentro a prerrogativa de transformação da narrativa noticiosa em mercadoria, as redações jornalísticas se modernizam, a fim de garantir a notícia o maior valor de uso possível. Foi justamente isso que os grandes jornais fizeram, principalmente na década de 1990. Os periódicos do Rio de Janeiro se modernizaram nessa época. A começar pelo parque gráfico. Assim fizeram os jornais O Globo, O Dia e Jornal do Brasil. As capas e os infográficos tornaram-se cada vez mais chamativos e parte integrante da notícia.

Para compreender o que são as notícias temos que nos afastar da dicotomia importante/interessante Bird (2000). Deve-se olhar para a estória noticiosa como um todo, como produto de uma atividade produtiva, não somente para o profissional de comunicação, mas também, como estórias individuais, dos atores sociais, que se inserem em um contexto maior. O jornalista é um gatekeeper e, por isso, faz recorte sobre a realidade a que está condicionado. O autor continua a explicar que mesmo sendo a notícia uma narrativa construída levando-se em conta os correspondentes exteriores ela não deixa de informar aos leitores.

Assim, o lead, dispensa a suspense, comumente presente nas estórias relatadas no dia a dia. O jornal deve contar as estórias como narrativa diferente do modo que uma pessoa conta algo para a outra. As técnicas de redação condicionam essa área do conhecimento. É importante que as notícias enquanto narrativas informem levando em conta o leitor. Pois enquanto a pirâmide invertida é um instrumento (técnico) eficiente para o jornalista, pode ser um desastre para o leitor, já que, *“embora as notícias não sejam ficção, é uma estória sobre a realidade, não a realidade em si”*.

Descrevendo a construção da reportagem investigativa

Dizem que o jornalista é um sujeito inquieto parece algo redundante, mas quando estamos diante o ganhador do Prêmio Esso Regional Sudeste de 2005 do jornal *O Dia*, Pedro Landim, essa frase passa a ter um efeito inesperado. Enquadrado dentro do processo industrial de notícia, o referido jornalista atuante na editoria de Cultura, o Caderno D, atravessado por um misto de indignação e coragem ele passou alguns dias no local onde, na semana anterior

ocorrera uma chacina. Estamos falando do massacre de inocentes ocorrido no Bairro da Posse em Nova Iguaçu, região metropolitana do Rio de Janeiro.

Com o título *A rua do medo*, a narrativa mostra como a tragédia modificou a vida das pessoas que ali residiam. Após muitas negociações com os editores do Jornal, Landim escolheu vivenciar a rotina daqueles que ainda sentiam o temor de morar em um local onde a presença do Estado faltava em todos os lugares para onde se olhava. Mesmo para jornalistas que está acostumado a cobrir tráfico de drogas, roubos ou assaltos o intento era bastante barra pesada.

Para que tudo desse certo era necessário se calçar de todos os cuidados possíveis. O primeiro deles era onde ficar e de que forma, ou seja, revelar ou não ser um jornalista. Dentro da redação poucos sabiam da aventura. Quanto menos se fala no assunto melhor. Uma equipe foi formada. Através da produção, o jornalista conseguiu alugar uma casa bem em frente a um dos bares onde foram feitas diversas vítimas. Somente o jornalista ficou por lá. Ele além de apurar a matéria ele também fazia a fotografia.

Estar presente e dividir o espaço com outros atores sociais transformou o jornalista em coadjuvante do fato. Como um antropólogo em campo ele não desgrudava do seu caderno de anotações. Já alojado em uma quitinete, seu meio de contato com a redação se fazia através de um telefone celular. Todos os seus passos deveria ser comunicado ao editor. Essa era a regra e descumpri-la não estava nos planos de ambos, jornalistas e setores hierárquicos.

À noite a própria experiência de estar em um local estranho, causava certo desconforto para Landim. Tentando passar despercebido o jornalista andava com o mesmo vestuário da maioria dos moradores do local, Chinelo, bermuda e camiseta. Esses elementos foram observados por parte da equipe para que o jornalista não sofresse um estranhamento ainda maior. Embora, conforme ele mesmo afirma, *todos que residiam ali sabiam que eu era um ser estranho*.

Fazendo valer a idéia de que lugar de jornalista é na rua, Landim ficava sempre a vagar pelo bairro, encontrava crianças tentava conversar com os vizinhos e, principalmente entender como tudo aconteceu. O mundo inteiro havia tomado consciência do que acontecera em Nova Iguaçu e Queimados. O assunto fazia parte da agenda diária dos cariocas. Não se falava outra coisa, por isso era necessário buscar novidades. Um jornal vive do exótico do extraordinário e essa forma de construção narrativa parecia ser um bom exemplo.

Através de um texto bastante descritivo, o jornalista recriou o ambiente da tragédia para quem o lê. Ruas vazias, mal iluminadas e as poucas pessoas que chegam do trabalho estão assustadas. Ele revela em depoimento publicado em um Box da matéria principal que:

A idéia era chegar ainda coma luz do dia, para reconhecer o terreno e me instalar num pequeno quarto alugado, passando duas noites numa esquina da rua que esteve nos últimos dias em páginas de jornais de todo o mundo. Um engarrafamento prejudicou o plano, e minha aparente segurança terminou assim que escureceu. Na rua, tentando em vão passar despercebido de bermuda e chinelo – uniforme oficial da área –, fui filmado de todas as formas pelos moradores. A desconfiança é enorme, e quase sempre a conversa silenciava com a minha aproximação. Circulando na rua vazia, tentava me convencer de que o pior já tinha passado, mas o frio na barriga é inevitável quando a última televisão é desligada na vizinhança. Ainda mais quando a porta do quarto é defeituosa e não fecha direito. Ouvindo sons esparsos na madrugada, de buzinas, motores de carros, aviões e até fogos de artifício, tive a clara sensação de estar num cativo. Que bom que os dias amanhecem (LANDIM, 2005:18).

Após a matéria ser publicada, no dia 10 de Abril de 2005, os próprio companheiros de redação não acreditavam na façanha de Landim. Todos da redação O Dia sabiam que tinham em mãos um bom material jornalístico e que poderiam concorrer a prêmios. Para a surpresa de todos, cinco meses depois o jornalista negociou a sua volta ao mesmo local para se certificar das mudanças prometidas pelo governo do Estado, como mais segurança e lazer

para a população. A essa altura, onze policiais foram presos, acusados de praticarem a chacina. Era necessário que o jornalista investigasse no local a forma com que o governo estava tratando a questão, que para muitos ainda era recente.

O pernoite foi mais tenso que se imaginava, qualquer barulho carros causava incomodo. Na manhã seguinte, todos os moradores já sabendo de sua identidade profissional e origem, deu-se o início a buscas de personagens que de uma forma ou de outra tiveram suas vidas modificadas a partir da chacina. Na ida a campo, diversas histórias se cruzaram, tendo como elo as mortes dos 29 pessoas. Observou-se que o medo ainda imperava dentre os sentimentos de tristeza e revolta. O carro da polícia que antes fazia ponto no cruzamento principal do bairro, estava desaparecido fazia dois meses.

Com a vida modificada pela violência, o bairro ainda continuava como uma cidade fantasma. O comércio da região que gerava empregos para os moradores locais dava sinais de falência. Loja, padaria e mini-mercados fechavam mais cedo. Os imóveis que antes valiam pouco passaram a valer muito menos ainda. Sobre essa nova fase da investigação o jornalista descreve:

Voltando à Rua Gama para pernoitar no ponto que virou símbolo da maior chacina já ocorrida no estado, a primeira constatação importante na jornada foi que o medo não permanece o mesmo com o passar do tempo. Ele aumenta. Quando estive na rua há cinco meses, entre visitas de autoridades, policiamento ostensivo e evangélicos disputando com católicos a atenção dos moradores no asfalto, havia uma certa sensação de segurança, e a todo momento eu tentava me convencer de que o pior havia passado. Agora, porém, sem polícia na rua e vendo fechada a metade das lojas que antes funcionavam, dividi com os moradores o sentimento de que, se não o pior, algo desagradável poderia acontecer. Não sei precisar quantas vezes ouvi a palavra ‘medo’ nas entrevistas que fiz pela rua, sempre seguida de reclamações com o descaso das autoridades e revelações por vezes arrepiantes, como as da mulher cuja história está aqui ao lado nesta página. Para uma rua que – todos por lá comentam – já foi o maior ponto de encontro e convívio social da região, outra observação válida: nas duas noites, percebi exatamente as mesmas caras na rua, nos mesmos lugares. Há um grupo pequeno e invariável de moradores que sai à noite. Sem falar na ausência das crianças, que há cinco meses pareciam maioria brincando na rua. É certo que nem todos estavam no Bar do Caíque na hora da chacina, mas não há na Rua Gama quem não se considere sobrevivente do massacre (LANDIM, 2005:12)

A forma encontrada pelo jornalista Pedro Landim para se chegar ao produto final, ou seja, aos textos publicados, levaram em conta o que a redação tinha para oferecer naquele momento. Os recursos mais utilizados foram a própria inquietação dos profissionais em divulgar relatos sobre o ambiente pós crime, elementos básicos como transporte, recursos financeiros para o aluguel da quitinete, câmeras fotográficas, gravadores e, principalmente a retirada do jornalista das pautas a que estava acostumado. Durante uma semana o jornalista e equipe somente trabalharam na construção da reportagem. Depois de concluídas as matérias e achando ter em mãos uma boa reportagem, a equipe escreveu os textos no Prêmio Esso e saiu vitoriosa na noite de premiação.

Com uma visão crítica da sociedade, o jornalista João Antônio Barros, também do jornal *O Dia*, diz preferir trabalhar com linhas mais populares, junto à população mais excluída dos processos de construção da cidadania. A forma encontrada por ele para diminuir o impacto da ausência do Estado em determinadas áreas do Rio de Janeiro está sempre ligada a uma boa investigação jornalística, principalmente em relação ao crime hediondo, roubos ou desvios de recursos públicos. Revela que muitos que passaram por seus textos tornaram se fontes e passaram a consumir o tipo de jornalismo que ele pratica.

E dentro dessa dimensão algumas pessoas passaram a informação de que existiam nas cadeias do Rio de Janeiro presos com tratamento “vip”. A nata do tráfico de drogas e os criminosos do chamado “Colarinho branco”. Todos com muito dinheiro tinham privilégios

vida bastante tranqüila. Recebiam visitas, drogas, telefones, comidas de restaurante, áreas “privadas”, dinheiro em espécie e outros benefícios proibidos por lei.

Assim foi construída a série de reportagens intitulado *O preço da liberdade*, publicada em capítulo sobre os presídios do Rio de Janeiro e Prêmio Esso Região Sudeste de 1999. Estes capítulos tinham nomes próprios. Assim, o primeiro denominou-se Corrupção, o segundo, Mordomia, o seguinte, Poder. O quarto, Humilhação, o quinto, Globalização, o sexto, Gula, o próximo Drogas e por último Dinheiro. Em cada um, o jornalista tentava dar a dimensão do que eram os presídios no Rio de Janeiro. Os títulos mostram os elementos que mais se destacaram durante a passagem do jornalista pelas carceragens que comprovavam as denúncias recebidas. Nesse caso a investigação chegava ao máximo de sua potencialidade.

A simples entrevistas com os presos ou funcionários públicos não seria suficiente para se registrar em forma de texto a denúncia, pois a prática encontrada pelos criminosos, segundo o jornalista era a de negar sempre. Nada seria mudado. A repercussão e o agendamento não teriam o efeito que teve. Para que isso não ocorresse foi necessário acionar os editores do jornal. Barros deseja entrar no “campo proibido”, vivenciar o dia-a-dia da prisão para saber o como se dava as regalias no ambiente que segundo os códigos jurídicos deveriam servir para o confinamento e reeducação.

Entre a denúncia e a publicação da matéria foram dois meses de intenso trabalho e negociação entre o jornalista e seus superiores, editores e departamento jurídico, e entre o jornal e órgãos do Governo do Estado do Rio de Janeiro, principalmente o governador Garotinho. Gastou-se muito mais tempo tentando viabilizar a matéria do que propriamente construir a mesma. Envolviam uma série de elementos que deveriam ser bem amarrados para que o jornalista pudesse entrar no mais famoso presídio da época, o Bangu II, como preso. Os riscos para o profissional eram imensos. O jornalista afirma que *dentro de uma cadeia nunca se sabe como vai ser o dia seguinte*.

Uma matéria como essa é necessário que o jornalista seja experiente, tenha um bom know-how junto aos seus superiores. Tem que provar sempre que se pode realizar algo melhor. O tempo vago tem que ser dirigido para se pesquisar por conta própria, pois no início de carreira a pauta imediata tem que ser feita a todo custo. A matéria em questão só foi realizada porque o jornalista tinha credibilidade e tempo para realizá-la

A reportagem foi construída após a saída do jornalista do presídio citado acima. Para melhor esclarecer os leitores foi necessário criar uma equipe que, com o auxílio do setor de pesquisa, do material fotográfico, reportagens anteriores e outros dados sobre os criminosos presentes no texto final foram capazes de dimensionar o tamanho daquilo que se estava denunciando nas páginas do jornal. Tudo foi sendo organizado a partir da escrita solitária do jornalista João Antonio Barros.

A forma de inserção se deu através da invenção de um suposto levantamento, trabalho antropológico, análise dos presos do Rio de Janeiro. Fato que no primeiro momento, os presos ficaram intrigados, mas logo depois, já dialogavam, faziam muitas perguntas. A idéia inicial era que nem mesmo os funcionários do presídio soubessem que se tratava de um jornalista. A identidade profissional de foi escondida de todos. Sabiam apenas o seu nome, porque os documentos apresentados para se estar ali eram verdadeiros.

Apenas três pessoas de fora do jornal sabiam da empreitada do jornalista, o governador, o secretário de segurança pública e o vice-secretário de segurança pública. Foram 22 dia na cadeia sem qualquer diferenciação dos demais presos. O material de trabalho neste local contava com papel, para anotar os nomes dos presos e câmera fotográfica. Esta última, alvo de muitos questionamentos por parte dos presidiários. Vários deles não queriam ser fotografados em hipótese alguma.

Todo o caminho percorrido por um criminoso para se chegar aos presídios de segurança máxima foi realizado pelo jornalista. O primeiro, chamado de passagem foi o Ari

Franco, onde ficou por dois dias, o presídio de Niterói, conhecido por ser um local que concentra um grande número de criminosos da classe média, pessoas com maior poder aquisitivo, permanecendo por seis dias e Bangu II por duas semanas. Nesse período foram catalogados pelos jornalistas a maneira de se conseguir algo, o preço de tudo, desde um simples cigarro até drogas, carteira de visitas falsa, as palavras utilizadas pelas facções e principalmente o manual de sobrevivência. Tudo tem um preço, não há tabela fixa.

Ao retornar para a redação o jornalista tinha em mãos um bom material. Setores do Estado e o próprio governador tendo idéia do material colhido em campo pediram para adiar a publicação. A diretora de redação, que havia acompanhado a construção da matéria, dado todos os recursos, como dinheiro, pessoal e carro a disposição, para que a mesma fosse realizada não admitia adiar um dia a data prevista para que o texto chegasse às bancas.

A denúncia causou indignação na população e fez com que os órgãos competentes mexessem na estrutura desses presídios. Funcionários foram detidos, afastados e vários responsáveis por presídios, cargo de confiança foram exonerados. O ponto principal da matéria foi mostrar que a corrupção interna aos presídios provoca uma série de outros problemas na sociedade. Denunciava a incapacidade do Estado em manter criminosos, devidamente presos, sem contato com o mundo exterior. Ao se construir a matéria percebeu-se que a única diferença entre a vida dos chefes dos tráficos e criminosos ricos com o mundo exterior estava no fato daqueles não poderem sair da cadeia.

Após a publicação da matéria o jornalista foi ameaçado de morte. Muitas mordomias foram proibidas, presos e funcionários transferidos para outros presídios, muita gente perdeu dinheiro com reportagem. Percebeu-se que durante alguns meses o esquema enfraqueceu, mas logo voltou ao normal. Até hoje, ainda chega a redação do jornal *O Dia* denúncias de que criminosos estão numa boa na cadeia. Recentemente foi constatado que o ex-policial civil Álvaro Lins e o banqueiro Salvatore Cacciola comiam lagosta na cadeia.

No jornal *O Globo*, o Jornalista Chico Otávio é um dos mais conceituados da redação. Atuante como jornalista especial ela passa por diversas editorias do jornal. Suas reportagens quase sempre são investigativas e geram agendamento para o jornal. Participa ativamente das reuniões de pautas, sugerindo organizando e investigando tantas outras. Apesar da larga experiência a própria dinâmica da profissão não o permite se dedicar a uma pauta exclusivamente. Está sempre apurando algo, seja ligada ao *hard news* ou ao jornalismo investigativo.

Durante nossos encontros na redação do jornal percebemos que sua relação com os outros profissionais e setores hierárquicos se dá de forma cordial todos trocam opiniões mutuamente. Acompanhando-se a reunião para o jornal de Domingo, 31 de maio, ainda na quarta-feira anterior dia 27, percebemos que o jornalista já vendia para futuras edições matérias que havia realizado por conta própria, durante sua ida ao Maranhão. Nesta viagem foi designado pelo editor ao qual é subordinado que ele fizesse uma reportagem a reforma no judiciário maranhense. No retorno ao Rio de Janeiro trouxe no mínimo três.

Sendo assim, após algumas publicações no próprio jornal sobre a distribuição dos royalties do petróleo produzido no Rio de Janeiro, o experiente jornalista concluiu que havia muito mais “mistérios” do que o que foi apresentado em reportagens anteriores. A primeira delas em Abril de 2009. Na ocasião a matéria, escrita após a denúncia da coluna de Diogo Mainardi da revista *Veja*, informou que a Polícia Federal estava investigando a existência de irregularidades na distribuição dos royalties distribuídos aos municípios fluminenses e que o caso corria junto à sexta vara da Justiça Federal do Rio de Janeiro.

Nesse meio tempo deu-se início a uma caçada as provas das irregularidades. Um dos principais locais escolhidos pelo jornalista foi o Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro, TCE-RJ. Investigar qual desvio, seja de conduta ou dinheiro requer muito cuidado. E este foi uma das maiores preocupações do jornalista. Não queria que suas fontes

desperdiçassem provas em vão. Mesmo estando longe o jornalista fazia contato com suas fontes do TCE. Pedia sempre exclusividade, pelo menos até a publicação da matéria.

Reuniu dados do inquérito judicial fornecidos pelo Ministério Público do Rio de Janeiro e financeiros produzidos no Tribunal de contas. Foram diversos contatos, reuniões com os representantes dos gabinetes, telefonemas, análise de tabelas, enfim tudo que confirmasse suas suspeitas até então. A cada ida a campo, Chico voltava e anunciava para o chefe da editoria onde o texto seria publicado os novos documentos que havia conseguido.

Os dados colhidos eram armazenados e organizados em uma pasta do computador. Durante o processo de investigações diversos documentos formando centenas de páginas foram reunidos e amplamente estudados para se buscar um sentido. A cada dificuldade encontrada Chico Otávio recorria a sua fonte para que a mesma pudesse descomplicar as dificuldades encontradas nas tabelas ou nos termos jurídicos que não eram de fácil entendimento.

Como resultado a matéria constatou que, entre 2003 e 2008, três consultorias receberam R\$ 40 milhões de 26 prefeituras do Rio para obter royalties de petróleo. Segundo o Tribunal de Contas e a Procuradoria, os contratos foram desnecessários e não cumpriram a lei. Pois bastava que a Procuradoria dos municípios entrasse com a petição, já que as regras foram estabelecidas pela Agência Nacional do Petróleo (ANP).

O TCE-RJ, onde há um processo para cada município, já havia considerados sete contratos ilegais, os realizados pelos municípios de Resende, Guapimirim, Belford Roxo, Marica, Tanguá Niterói e Mesquita. O município somente ficaria livre da solicitação de dispensa de licitação se a singularidade no serviço prestado pelas consultorias Expetro, EBC e Petrobonus, responsável pelo maior faturamento, cerca de R\$ 40 milhões, fosse de notória especialização, que não era o caso.

Foi concedido espaço para que todos os envolvidos no caso se pronunciassem ainda antes da publicação. Após a mesma deu-se início ao jogo político bastante comum para Chico Otávio, o que revelava não haver responsáveis pelos contratos. A desculpa mais ouvida pelo jornalista revelava que os contratos eram de responsabilidade da administração anterior.

Durante a investigação, o jornalista já dizia ter em mente como ficaria o resultado final da matéria. Após o último encontro com os funcionários do TCE, na quarta-feira, 27 de Maio, ele revelou qual seria o lide da matéria. Um jornalista investigativo durante sua apuração já deve saber o que rende ou não para o jornal e, principalmente quais são os elementos levantados que serão expostos no início da matéria e no decorrer da matéria. Isso se dá porque um bom jornalista já pensa no que o leitor precisa saber.

Considerações finais

Fazendo-se um levantamento sobre as reportagens premiadas com o Esso analisadas pela presente pesquisa pode-se registrar que grande parte possui alto valor notícia e grande apelo público. Essas reportagens produziram importante impacto na sociedade ocasionando ruptura na estrutura social em que foram construídas. Muitas denunciam problemas sociais de origem diversas, como tráfico de drogas, de influencia, desvio de dinheiro público, crimes hediondos etc.

A maioria dos textos contemplados com o Esso é investigativos. Dessa forma, pode-se dizer que os jornais *O Globo* e *O Dia* ao concorrem a premiação dão maior créditos a esse gênero de reportagem. É uma característica desse tipo de matéria o fato desta ser cuidadosamente construída, diminuindo-se os erros e verificando incessantemente os dados apurados.

Os cuidados por conta da construção de matérias investigativas devem-se ao grau de importância dada ao conteúdo da mesma. Os jornalistas que se lançam a realizar essa

modalidade de reportagem servem de inspiração para os novatos. Já que para se chegar ao status de realizar determinadas investigações somente tendo alguns anos de carreira e que esta seja reconhecida pelos próprios companheiros de profissão.

Fazendo-se um levantamento sobre as reportagens premiadas com o Esso pode-se registrar que grande parte possui alto valor noticiário e grande apelo público. Essas reportagens produziram importante impacto na sociedade ocasionando ruptura na estrutura social em que foram construídas. Muitas denunciam problemas sociais de origem diversas, como seca, desvio de dinheiro público, crimes hediondos etc.

Nos primeiros anos a maioria dos textos contemplados com o Esso é investigativos. Muitos pesquisadores da comunicação ou especificamente de teoria do jornalismo, fazem distinção entre os modelos de matérias impressas nos jornais diários. A reportagem é cuidadosamente construída, verificando incessantemente os dados apurados.

Os cuidados por conta da construção de matérias investigativas devem-se ao grau de importância dada ao conteúdo da mesma. Quanto mais complexas mais devem ter seus elementos depurados no decorrer do processo. Essas reportagens são construções narrativas da realidade, e que buscam chamar atenção do público leitor. Suas qualidades são percebidas pela comissão julgadora, por isso são escolhidos como os melhores do ano.

Chico Otávio, um dos maiores ganhadores do Prêmio Esso, de todos os tempos, revela que um dos principais elementos que regem o jornalismo investigativo está baseado na surpresa “*o jornalista investigativo tem que fugir da uniformidade das notícias que se repetem nos jornais e na TV. Deve sempre surpreender*”. Ele revela que a matéria ao ser publicada produz efeito junto ao público leitor e traz benefícios para a editora que o produz. Geralmente esse tipo de publicação constitui enorme retorno financeiro para o jornal.

Essas reportagens são construções narrativas da realidade, e que buscam chamar ao máximo a atenção do público leitor. *Fazer sucesso ao público leitor é o mesmo que ser premiado*, defende João Antonio Barros. Para muitos a premiação com o Esso depende da recepção do leitor, das metas atingidas pela reportagem. Assim suas qualidades são percebidas pela comissão julgadora, por isso são escolhidos como os melhores do ano.

Chico Otávio, um dos maiores ganhadores do Prêmio Esso, de todos os tempos, revela que um dos principais elementos que regem o jornalismo investigativo está baseado na surpresa “*o jornalista investigativo tem que fugir da uniformidade das notícias que se repetem nos jornais e na TV. Deve sempre surpreender*”. Ele revela que a matéria ao ser publicada produz efeito junto ao público leitor e traz benefícios para a editora que o produz. Geralmente esse tipo de publicação constitui enorme retorno financeiro para o jornal.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Leonel Azevedo de. *Ensinar as práticas a partir da Teoria do Jornalismo: uma proposta pedagógica*. 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia-GO – 27 a 30 de abril de 2007.

BREED, Waren. “*Controle social na redação*”. In TRAQUINA, N. (ORG). *O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000. Pág.152-166.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

NOBLAT, Ricardo.. *A arte de fazer um jornal diário*. Brasil: Editora Contexto, 2002.

SODRÉ, Muniz. *A Reportagem como Gênero Jornalístico*. Rio de Janeiro: Summus, 1986.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. *Making news: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press, 1977.,

WHITE, David Manning. *O gatekeeper: Uma análise de caso na seleção de notícias*. In TRAQUINA, N. (ORG). *O poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva, 2000. Pág.142 – 151.

WOLF, M. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2003.

ZELIZER, Barbie. *Taking journalism seriously*. News and Academy. London: Sage, 2004.

Site

[WWW.premioesso.com.br/Prêmio Esso/Prêmio Esso de Jornalismo 56](http://WWW.premioesso.com.br/Prêmio%20Esso/Prêmio%20Esso%20de%20Jornalismo%2056). Acessado em junho de 2009.

Jornais

O Dia

29 de Agosto de 1999 a 5 de Setembro de 1999.

10 de Abril de 2005

28 de agosto de 2005

14 de Maio de 2008

O Globo:

11 de Março de 2002

9 de abril de 2009-08-14

30 de Maio de 2009